



VARIAÇÕES DE SENTIDO EM GÍRIAS: UM ESTUDO DE CASO ACERCA DOS TERMOS 'BOMBAR', 'GASTAR' E 'ROLÊ' NAS VARIEDADES FALADAS POR JOVENS NO RIO GRANDE DO SUL E EM SÃO PAULO

Leonardo Pereira dos Santos

Universidade de São Paulo

Isabella Matos Rodrigues

Universidade de São Paulo

Tábata Milene Dias Silva

Universidade de São Paulo

RESUMO

O presente artigo compreende uma investigação em variação linguística que buscou identificar variações de sentido das gírias 'bombar', 'gastar' e 'rolê', de acordo com a aceitação e polaridade consideradas pelos falantes de duas variedades do português brasileiro: jovens (15 a 25 anos) do Rio Grande do Sul (RS) e de São Paulo (SP). Levantou-se a hipótese de que os termos 'bombar', 'gastar' e 'rolê' (como em 'o trabalho bombou', 'gastei na prova' e 'ir no shopping é rolê') são utilizados e aceitos em ambas as variedades, mas apresentam sentidos distintos. A fim de validar essa hipótese, elaborou-se um teste de aceitação e avaliação da polaridade das gírias através de um questionário respondido por falantes das duas variedades. A análise de dados caracterizou uma pesquisa básica, descritiva, sincrônica e quantitativa, de acordo com o modelo laboviano. Os resultados obtidos mostram que 'bombar' é aceita em ambas as variedades, com variação da polaridade (parcial no RS e majoritariamente negativa em SP). 'Gastar', por sua vez, é aceita apenas pelos gaúchos; quanto à polaridade, é positiva em ambos, todavia, a avaliação paulista é mais heterogênea. Finalmente, 'rolê' é amplamente aceita em ambas, entretanto, a polaridade varia para os paulistas. Desse modo, conclui-se que a pesquisa atingiu seu objetivo ao identificar tais variações de sentido dessas gírias entre as variedades estudadas.

Palavras-chave: Variação linguística; Gírias; Português brasileiro.

ABSTRACT

This paper comprises an investigation on linguistic variation that aimed to identify meaning variations of the slangs 'bombar', 'gastar' e 'rolê' according to the acceptance and polarity evaluation by two varieties of Brazilian Portuguese speakers: young (15 to 25 years old) speakers from Rio Grande do Sul (RS) and São Paulo (SP). The raised hypothesis was that the slangs 'bombar', 'gastar' and 'rolê' (as in 'o trabalho bombou', 'gastei na prova' and 'ir no shopping é rolê') are used and accepted in both varieties, but have different meanings. In order to validate it, it was elaborated an acceptance and polarity evaluation test through a questionnaire answered by speakers of both varieties. The proposed data analysis characterized a basic, descriptive, synchronous and quantitative research, according to the Labovian model. The results obtained show that 'bombar' is accepted in both varieties with polarity variation (partial in RS and mostly negative in SP); 'gastar', on the other hand, is accept just by RS speakers; the polarity is positive at both, however, the SP speakers' appraisal is more heterogeneous. Finally, 'rolê' is widely accepted at both, however, the polarity varies for the SP speakers. This way, it is concluded that the research achieved its objective by identifying such meaning variations of these slangs among the varieties studied.

Keywords: Linguistic variation; Slangs; Brazilian Portuguese.



Leonardo Pereira dos Santos é graduando em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

E-mail: leonardosantos@usp.br

Isabella Matos Rodrigues é graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

E-mail: isbellamatosrodrigues@gmail.com

Tábata Milene Dias Silva é graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

E-mail: tabatamilene@usp.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo compreende uma investigação em variação linguística alicerçada na Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003), também chamada de Teoria da Variação. Essa investigação teve como objetivo identificar variações de sentido das gírias ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’, de acordo com a aceitação e polaridade consideradas pelos falantes de duas variedades. Especificamente, partiu-se do seguinte problema: há variações de sentido nas gírias ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’ nas variedades faladas por jovens (de 15 a 25 anos) nos estados Rio Grande do Sul e São Paulo? Esta pesquisa, então, compreende um estudo em variação linguística diatópica, a partir de um recorte diastrático e está delimitada em um estudo semântico dos itens lexicais.

Considerando a questão elaborada, levantou-se a hipótese de que os termos ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’ (como em ‘o trabalho bombou’, ‘gastei na prova’ e ‘ir no shoppings é rolê’) são utilizados e aceitos em ambas as variedades, mas apresentam sentidos distintos. Acredita-se, portanto, que algumas gírias vêm

expandindo o seu uso pelas comunidades linguísticas no Brasil, porém não de forma homogênea.

A fim de contemplar o objetivo geral, elencou-se um conjunto de objetivos específicos. São eles: (i) revisar a literatura disponível acerca do tema; (ii) identificar possíveis sentidos atribuídos às gírias; (iii) identificar padrões morfossintáticos de uso das gírias; (iv) elaborar e aplicar um questionário para identificar os sentidos utilizados e, por fim, (v) avaliar a aceitação e polaridade das gírias nas duas variedades por meio de uma análise de dados quantitativa.

Este texto está estruturado da seguinte forma: na seção 1, explanam-se algumas considerações iniciais pertinentes à pesquisa em variação linguística; na seção 2, são detalhados os procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados; nas seções 3, 4 e 5, são apresentados os resultados e discussões acerca das gírias ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’, respectivamente; por fim, são apresentadas as considerações finais.

1 LÍNGUA E(M) VARIAÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua chama atenção, especialmente da comunidade científica, devido a sua complexidade. Hjelmslev (1975, p. 1-2) afirma que:

A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana [...]. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência



vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte de desenvolvimento dessas coisas.

Para além, acredita-se (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) que a língua é um sistema organizado de regras que apresenta categorias invariáveis e variáveis. A Sociolinguística é um campo da ciência que se preocupa, dentre outras coisas, com o estudo da variação e mudança linguística, considerando a língua um sistema heterogêneo que se constitui de regras e unidades variáveis. Esse campo de estudo parte de uma consideração relevante no presente artigo: o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções (LABOV, 1972 [2008]). Labov discorda de quaisquer modelos que ignoram a heterogeneidade e que consideram a fala como caótica e desmotivada (FIGUEROA, 1996, p. 77-78).

A Sociolinguística Variacionista, que se ocupa da pesquisa em variação linguística, entende que, por trás da heterogeneidade, há um sistema organizado. Em outras palavras, para ela, há uma heterogeneidade estruturada. Na área, considera-se a língua, portanto, em seu contexto sociocultural, já que os condicionadores da variação linguística não são apenas internos à língua (fatores lexicais, morfológicos, sintáticos, semânticos, etc.), mas também extralinguísticos (fatores sociais, geográficos, etc.). A Sociolinguística Variacionista, destarte, pressupõe que “toda variação é motivada, isto é, controlada por

fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível” (MOLLICA, 2003, p. 10).

Ao discutir variação linguística, cabe explicar, ainda que brevemente, quatro conceitos essenciais: variação, variante, variável e variedade (TARALLO, 1986, p. 8). Variação corresponde ao fenômeno linguístico da heterogeneidade e é o objeto da Sociolinguística Variacionista. As variantes, por sua vez, “referem-se às diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, sendo assim, as formas em variação” (TARALLO, 1986, p. 8), como ocorre, por exemplo, com ‘aipim’ e ‘mandioca’. Essas formas estão concorrendo entre si na língua e o uso de uma ou de outra é determinado por condicionadores, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos. As variáveis são definidas como parâmetros que regulam e condicionam o emprego de formas variantes (como por exemplo o uso do rótico em coda silábica no português brasileiro, que apresenta muitas variantes, como produções vibrantes, aproximantes e fricativas). Por fim, variedade – muitas vezes, chamada de dialeto – é a fala característica de um determinado grupo ou comunidade linguística (por exemplo, as variedades faladas por jovens gaúchos e paulistas).

Ao olhar para a dimensão externa da língua, é possível classificar os diferentes tipos de variação e seus respectivos condicionadores. Inicialmente, classifica-se variação como sincrônica (ao mesmo tempo) e diacrônica (através do tempo). Existem, ainda, quatro classificações para a variação sincrônica. São elas: diatópica, diafásica, diastrática e diamésica. Conforme Telles (2009, p. 198), a variação diatópica se refere ao fator geográfico e compreende, desse modo, os regionalismos. Ainda, a variação diastrática marca “as diferenças de grupos sociais (seja referente à classe social, a grupos identitários ou de profissionais)” e compreende, por exemplo, “a



diferença no uso de gírias, jargões, termos técnicos, e, inclusive, a diferença em relação à chamada norma culta e a dita popular” (TELLES, 2009, p. 198). A variação diamésica se refere à externalização da língua (escrita ou oral). Por fim, a variação diafásica é definida como “[...] aquela que tem como parâmetro a adequação de produção discursiva, tal como as exigências situacionais de formalidade e informalidade” (TELLES, 2009, p. 198).

Debruçando-se sobre a variação diastrática, opta-se, neste estudo, pelo estudo das gírias. Elas são uma importante variação que se situa, majoritariamente, dentro do léxico, esse que é um dos níveis linguísticos mais suscetíveis à variação e à mudança (BEZERRA; MAIOR; BARROS, 2013). Novos termos (simples e complexos) e expressões são criados a todo tempo, normalmente com a finalidade de designar uma ideia ou, então, pela necessidade de expressar algum significado por meio de criações figuradas, como é o caso das gírias. Essas criações carregam traços culturais e podem ser restritas a um pequeno grupo ou aceitas por uma comunidade linguística maior. Além disso, as gírias constituem, geralmente, a linguagem coloquial, utilizada informalmente. Na maioria das vezes, uma gíria está associada a um fator social ou geográfico.

Há estudos que descrevem as gírias (e outros conteúdos lexicais) em determinadas regiões e ocasiões, tais como: Ortêncio (2009), que elaborou o Dicionário do Brasil Central, que conta com mais de 14 mil verbetes e relaciona os usos e costumes, o folclore e a toponímia dos municípios goianos; Bessa (2013), que avaliou a possibilidade de usar a gíria nos processos de interação em sala de aula, e Preti (2008), que defendeu que a gíria é um “instrumento de agressividade no léxico” (PRETI, 2008, p. 4) normalmente ligado a grupos sociais menos favorecidos ou de oposição a um contexto social. Concernente a essa temática, Preti (2000a, p. 57) afirma que:

O tema da gíria começa a ganhar projeção no âmbito dos estudos do léxico da língua, porque é inegável a expansão desse vocabulário, em nossa época, notadamente no meio urbano. Há razões de ordem social que poderiam explicar o fenômeno, que não é exclusivamente brasileiro, mas que se expandiu muito em razão, também, do fortalecimento dos regimes democráticos na sociedade moderna, em todo o mundo, particularmente na América, o que veio a diminuir os preconceitos em relação à linguagem popular.

Para Bessa (2013, p. 30), “a variação geográfica ou diatópica está relacionada ao regionalismo e pode ser identificada dentro do campo giriático através das palavras diferentes que têm o mesmo significado”. Todavia, pouco se discute, na literatura, sobre gírias que são usadas em diversas regiões com a mesma forma, porém agregando sentidos distintos.

Convém, nesse sentido, apropriar-se dos conceitos propostos por Saussure ao tratar da composição dos signos. Um signo é constituído por dois elementos: significado e significante, sendo ambos psíquicos e unidos por um vínculo de associação. Dessa forma, o significado compreende o conceito, enquanto o significante corresponde à imagem acústica (impressão psíquica do som) do signo (SAUSSURE, 1916 [2006]). Portanto, quando se estuda gírias diferentes que possuem o mesmo sentido, nota-se que o elemento que se altera é o significante, enquanto o significado se mantém. A proposta deste trabalho é, justamente, observar a situação inversa: gírias que possuem o mesmo significante, mas significados diversos, dependendo da região geográfica.

A delimitação etária da variedade aqui estudada se justifica pela ideia de que, na maior parte dos casos, o emprego de gírias é prioritariamente executado por falantes jovens. Nesse sentido, Preti (2000b, p. 253) discute que:



[...] De um modo geral, podemos, historicamente, afirmar que a gíria nasceu do submundo social e essa sua gênese gerou um acentuado preconceito em relação ao seu uso por outras classes, o qual, embora atenuado, permanece até hoje. A gíria, pois, é o vocabulário de uma anti-sociedade, de um grupo marginal, em conflito com a comunidade. Por outro lado, ela também pode apenas representar a linguagem de um grupo restrito de costumes insólitos que, por possuir hábitos diferentes da sociedade em que vive, gera uma atitude preconceituosa em relação a seu vocabulário. Neste segundo caso, a convivência com esses grupos (jovens, esportistas, frequentadores da noite, estudantes, etc.) é menos conflituosa, mais frequente, do que decorre a maior interação entre esse vocabulário e o comum.

Portanto, considerando a heterogeneidade da língua, bem como suas características, este estudo se insere no quadro da Sociolinguística Variacionista e toma como foco o(s) sentido(s) que determinadas gírias compreendem. Logo, o presente artigo consiste em uma pesquisa sincrônica acerca da variação geográfica, tendo como recorte duas variedades regionais: gaúcha e paulista.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho compreende uma pesquisa de abordagem quantitativa, de acordo com o modelo laboviano (Labov, 1972 [2008]). Seu objeto são os sentidos atribuídos aos termos simples 'bombar', 'gastar' e 'rolê' nas variedades faladas por jovens gaúchos e paulistas. Os procedimentos metodológicos aqui propostos abarcam as etapas: (i) estruturação e delimitação das variedades investigadas; (ii) elaboração de sentenças possíveis com emprego das gírias elencadas; (iii) elaboração de um questionário de avaliação das sentenças; (iv) aplicação dos questionários e (v) análise de dados.

2.1 ESTRUTURAÇÃO E DELIMITAÇÃO DAS VARIEDADES INVESTIGADAS

Considerando a viabilidade e o alcance possível aos pesquisadores, nesta investigação, optou-se por investigar as variedades faladas por jovens (na faixa etária entre 15 e 25 anos, a qual, comumente, abrange estudantes de Ensino Médio e universitários) localizados no Rio Grande do Sul e em São Paulo. O critério da faixa etária, por sua vez, foi estabelecido devido ao uso característico das gírias (PRETI, 2000b).

Figura 1 – Mapa brasileiro com os estados estudados grifados em cinza



Fonte: Elaborado pelos autores.

2.2 ELABORAÇÃO DE SENTENÇAS POSSÍVEIS COM EMPREGO DAS GÍRIAS ELENCADAS

A partir de discussões e buscas de uso dessas gírias, o presente estudo apresenta estruturas sintáticas possíveis para o emprego dessas gírias. São elas:

- (a) Sujeito + verbo de ligação *estar* + verbo (gíria) no gerúndio;
- (b) Sujeito + verbo (gíria) no pretérito perfeito;
- (c) Sujeito + verbo (gíria) no pretérito perfeito + adjunto;
- (d) Sujeito + verbo de ligação *estar* + verbo (gíria) no gerúndio + adjunto;
- (e) Verbo *ter* + substantivo (gíria) + adjunto;



(f) Sujeito + verbo de ligação *ser* + adjetivo (gíria).

Salienta-se que o sujeito pode ser desinencial nas estruturas *a*, *b*, *c* e *d*. Cabe ressaltar, ademais, que nem todas as estruturas se aplicam a todas as gírias. As estruturas sintáticas *a*, *b*, *c* e *d* são válidas para as gírias 'bombar' e 'gastar' (verbos). As estruturas sintáticas *e* e *f* são válidas para a gíria 'rolê' (substantivo ou adjetivo). O Quadro 1¹, abaixo, explica esse funcionamento.

Quadro 1 – Gírias e correspondentes estruturas sintáticas exploradas

Estrutura	<i>bombar</i>	<i>gastar</i>	<i>rolê</i>
a	+	-	*
b	+	-	*
c	-	+	*
d	-	+	*
e	*	*	+
f	*	*	+

Fonte: Elaborado pelos autores

2.3 ELABORAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DAS SENTENÇAS

Considerando as estruturas explanadas na subseção 2.2, construiu-se um questionário de uso e aceitação das sentenças com o emprego das gírias. Para tal, foi necessário, inicialmente, propor um padrão de questões para serem apresentadas aos falantes entrevistados. Em seguida, foram elaboradas situações para uso das sentenças. Ainda, foram estabelecidas

possíveis respostas para a criação de um questionário de múltipla escolha. Finalmente, foram construídos dois questionários através da ferramenta *Google Forms*.

A partir de observações de falantes (impressões dos autores, enquanto falantes das variedades estudadas), criou-se uma estrutura de questões. Para cada gíria, foram construídas três perguntas, de acordo com o *script* abaixo:

i. Aceitação: proposição de uma situação, na qual se acredita aceitável o emprego da gíria, seguida de uma sentença com emprego da gíria. A partir disso, pergunta-se se a sentença faz sentido. A esse questionamento, o falante entrevistado pode optar por uma dentre três alternativas de respostas: a sentença faz todo sentido (FS); a sentença faz sentido, mas é estranha (FSE); a sentença não faz sentido algum (NFS).

ii. Averiguação do sentido em uso: considerando que a sentença faça sentido e seja aceita, propõem-se interpretações para a gíria em contexto. O falante entrevistado deve optar por uma das interpretações apresentadas pelo questionário, as quais apresentam polaridades distintas (positiva ou negativa).

iii. Averiguação objetiva da polaridade: pergunta-se se a gíria, no contexto apresentado, é positiva, negativa ou neutra.

Esse *script* serviu como base para a formulação das perguntas. Para tal, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses:

¹ Legenda: + indica que a análise foi feita com essa estrutura; - indica que a análise não foi realizada com essa

estrutura, mas a sentença é gramatical; * indica que a sentença é agramatical.



Quadro 2 – Hipóteses criadas para cada gíria e sequências de questões

Gíria	Hipótese	Bloco(s) de questões
bombar	Variedade gaúcha: Sempre positivo Variedade paulista: Ora positivo, ora negativo	2
gastar	Variedade gaúcha: sempre positivo Variedade paulista: sempre negativo	1
rolê	Variedade gaúcha: sempre positivo Variedade paulista: ora positivo, ora negativo	2

Fonte: Elaborado pelos autores

O questionário, então, compreendeu cinco seções, sendo uma para cada bloco de questões.

2.4 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Os questionários *online* foram enviados, via *Google Forms*, para comunidades de falantes das variedades estudadas. É válido ressaltar que foram criados os formulários A e B, sendo A direcionado para São Paulo e B direcionado para o Rio Grande do Sul. Em ambas as variedades, os questionários foram aplicados a estudantes de ensino médio e graduação. O questionário aplicado obteve 212 respostas: 109 da variedade paulista e 103 da variedade gaúcha.

2.5 ANÁLISE DE DADOS

O presente trabalho de pesquisa adotou uma abordagem quantitativa. Na etapa de análise, observaram-se as respostas dos questionários a fim de comprovar ou não as hipóteses levantadas e responder à questão-problema da pesquisa. Para isso, os procedimentos desenvolvidos foram: (i) organizar em tabelas as respostas recebidas e

(ii) observar e analisar manualmente os dados, a fim de investigar a existência de variações. Especificamente no passo (ii), referente à observação e à análise manual dos dados, foram realizados os seguintes procedimentos:

1. Cálculo da porcentagem de aceitação, isto é, avaliação, pelos falantes, se as sentenças fazem sentido (FS), fazem sentido, mas são estranhas (FSE) ou não fazem sentido (NFS). Dado o universo (número total de respostas válidas), calculou-se a porcentagem de cada uma das alternativas;
2. Descartando as respostas “não faz sentido”, tomou-se como universo a soma das respostas “faz sentido, mas é estranha” e “faz sentido” (FSE + FS). A partir daí, calculou-se a polaridade (positivo ou negativo)².

Esses procedimentos foram realizados com as respostas das questões cujas sentenças estavam nos formatos (a) e (b), para ‘bombar’; (c) e (d), para ‘gastar’ e, por fim, (e) e (f), para ‘rolê’.

² Não foi considerada a polaridade neutra devido ao formato da pergunta, na qual o falante não polarizou as questões explicitamente, mas de forma implícita.



3 GÍRIA ‘BOMBAR’

A Tabela 1 e o Gráfico 1 apresentam os resultados quantitativos referentes à gíria ‘bombar’. No Dicionário Informal³, ‘bombar’

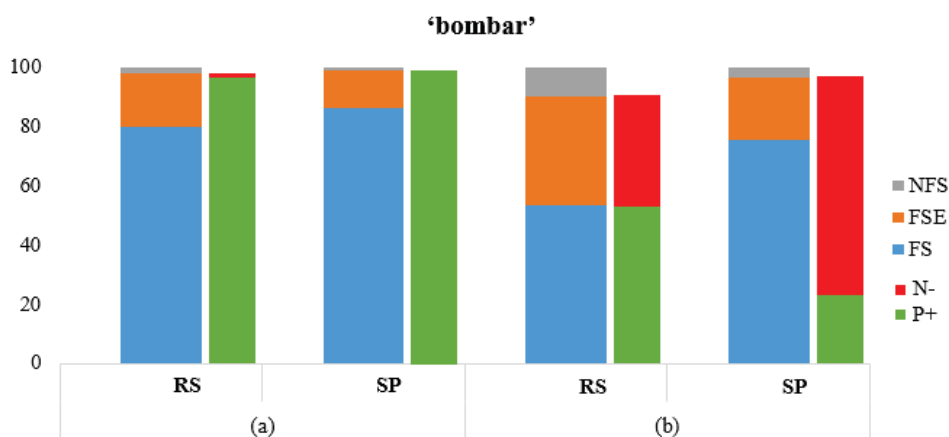
possui, entre as 7 descritas, as seguintes definições: “fazer sucesso, chamar atenção” e “repetir de ano em alguma instituição educacional”.

Tabela 1 – Aceitação e polaridade de ‘bombar’

<i>BOMBAR</i>	RESPOSTA	VARIEDADE	(a)	(b)
Aceitação	Faz sentido (FS)	RS %	79,61	53,4
		SP %	86,25	75,23
	Faz sentido, mas é estranha (FSE)	RS %	18,45	36,89
		SP %	12,84	21,1
	Não faz sentido (NFS)	RS %	1,94	9,71
		SP %	0,91	3,67
Polaridade	Positivo (P+)	RS %	99,01	58,06
		SP %	100	23,86
	Negativo (N-)	RS %	0,99	41,94
		SP %	0	76,14

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 1 – Aceitação e polaridade de ‘bombar’



Fonte: Elaborado pelos autores

Observando a Tabela 1 e gráfico 1, nota-se que a gíria ‘bombar’, em ambas as estruturas sintáticas, é amplamente aceita pelos falantes

da variedade paulista: 86,25% afirmaram que a sentença (a) faz todo sentido; para 12,84% dos falantes, a sentença (a) é estranha, mas faz

³ Dicionário Informal é uma plataforma *online* que apresenta definições para termos utilizados no registro

coloquial. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>.



sentido; apenas 0,91% apontaram que a sentença com 'bombar' não faz sentido. No Rio Grande do Sul, não há grandes divergências: 79,61% afirmam que faz todo sentido, e 18,45% apontaram que a sentença (a) faz sentido, mas é estranha. Considerando, em ambas as variedades, as respostas dos falantes que alegam fazer sentido (mesmo que com estranheza), observa-se que em ambas regiões 'bombar' é considerado positivo em (a),

enquanto em (b), a variedade paulista considera negativo e a variedade gaúcha aparece dividida.

4 GÍRIA 'GASTAR'

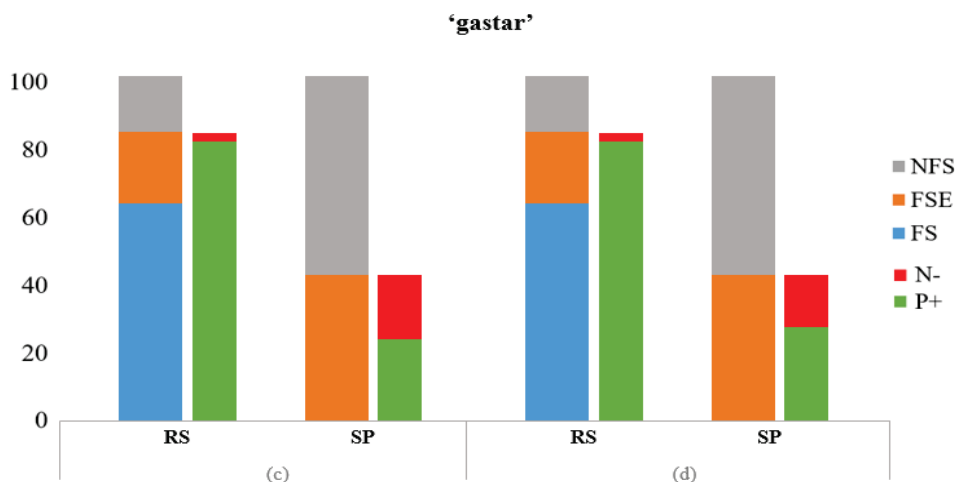
A Tabela 2 e o Gráfico 2 apresentam os resultados quantitativos referentes à gíria 'gastar'. No Dicionário Informal, 'gastar' é apresentado como sinônimo de "zoar, debochar", além de "arrasar, lacrar, desempenhar muito bem alguma tarefa".

Tabela 2 – Aceitação e polaridade de 'gastar'

GASTAR	RESPOSTA	VARIEDADE	(c)	(d)
Aceitação	Faz sentido (FS)	RS %	63,11	63,11
		SP %	0	0
	Faz sentido, mas é estranha (FSE)	RS %	20,39	20,39
		SP %	42,8	42,2
	Não faz sentido (NFS)	RS %	16,5	16,5
		SP %	57,8	57,8
Polaridade	Positivo (P+)	RS %	97,7	96,63
		SP %	56,52	63,33
	Negativo (N-)	RS %	2,3	3,37
		SP %	43,48	36,67

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 2 – Aceitação e polaridade de 'gastar'



Fonte: Elaborado pelos autores



Observando o gráfico e os dados levantados, é possível notar que a gíria ‘gastar’, em ambas as estruturas sintáticas, é amplamente aceita pelos falantes da variedade gaúcha: 63,1% afirmaram que a sentença (c) faz todo sentido; para 20,4% dos falantes, a sentença (c) é estranha, mas faz sentido; 16,5% apontaram que a sentença com ‘gastar’ não faz sentido. Já em São Paulo, os falantes não reconhecem sentido claro na sentença: 42% afirmam que faz sentido, mas é estranha, e 58% apontaram que não faz sentido. Considerando, em ambas as variedades, as respostas dos falantes que alegam fazer sentido (mesmo que

com estranheza), observa-se que a maioria esmagadora de gaúchos considera ‘gastar’ positivo em (c) e (d), enquanto os paulistas não apresentam consenso: a avaliação como positivo é de 56,5% para (a) e 63,3% para (d).

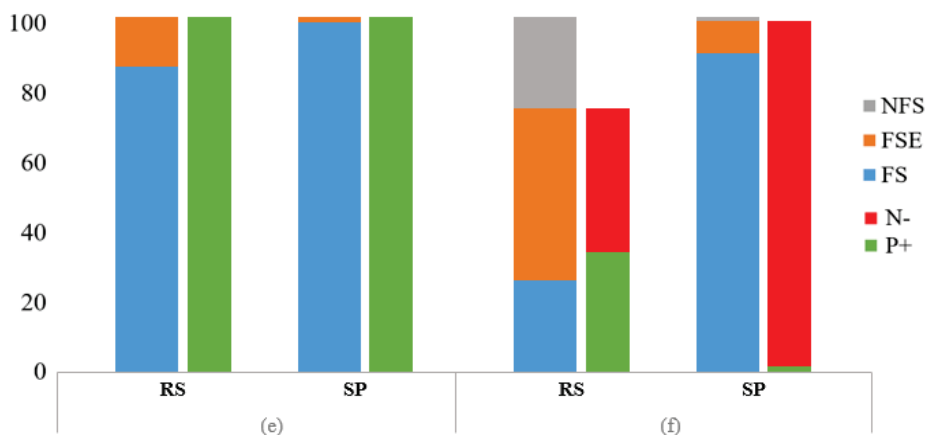
5 GÍRIA ‘ROLÊ’

A Tabela 3 e o Gráfico 3 apresentam os resultados quantitativos referentes à gíria ‘rolê’. No Dicionário Informal, a gíria ‘rolê’ apresenta 10 definições, tais como: “dá muito trabalho, complicado” e “passear, dar uma volta”.

Tabela 3 – Aceitação e polaridade de ‘rolê’

<i>ROLÊ</i>	RESPOSTA	VARIEDADE	(e)	(f)
Aceitação	Faz sentido (FS)	RS %	89,32	26,21
		SP %	99,01	88,01
	Faz sentido, mas é estranha (FSE)	RS %	10,68	48,55
		SP %	0,91	11,01
	Não faz sentido (NFS)	RS %	0	25,24
		SP %	0	0,91
Polaridade	Positivo (P+)	RS %	100	44,74
		SP %	100	1,85
	Negativo (N-)	RS %	0	55,26
		SP %	0	98,15

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 3 – Aceitação e polaridade de ‘rolê’
‘rolê’

Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados mostram que a gíria ‘rolê’, quando empregada na estrutura sintática (e), é aceita pelos falantes gaúchos e paulistas, ainda que exista variação quanto às considerações de estranheza da sentença (mais frequentes no Rio Grande do Sul). Ao olhar para a polaridade, as sentenças com estrutura (e), como por exemplo “*Hoje à tarde, tem rolê no parque*”, é positiva em ambas as variedades. Quanto à estrutura (f), que pode ser exemplificada pela sentença “*É rolê ir até o parque*”, todavia, há variação significativa: enquanto os paulistas, em maioria, aceitam esse emprego (salvo 0,9%), mesmo que com estranheza (11%), apenas 26% dos gaúchos identificam sentido na sentença com clareza, sendo que 48,5% afirmam que a sentença apresenta sentido, mas é estranha, e o restante (25%) alega não fazer sentido. A polaridade, na estrutura (f), também varia entre os paulistas e gaúchos. Enquanto aqueles, em sua maioria (98%) identificam polaridade negativa, esses não se aproximam de um consenso (45% classificam como positivo e 55% classificam como negativo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral identificar variação de sentido das gírias ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’, considerando as variedades faladas por jovens gaúchos e paulistas. Levantou-se, como hipótese, que tais gírias eram aceitas por ambas as variedades, mas com sentidos distintos, de acordo com a sintaxe ou polaridade. Desse modo, essa investigação teve como objeto a análise semântica dessas gírias no contexto dessas variedades. Os procedimentos foram baseados na elaboração, na aplicação e na análise de respostas de um questionário *online* de múltipla escolha. Com isso, os resultados apresentados foram capazes de comprovar a hipótese elaborada.

A análise de dados aqui proposta revelou que a gíria ‘bombar’ apresenta sentido majoritariamente positivo em todos os contextos na variedade gaúcha, enquanto pode apresentar sentido majoritariamente negativo ou positivo na variedade paulista, dependendo do contexto. Com a gíria ‘rolê’, essas situações se repetiram. Somente na gíria ‘gastar’ a variedade paulista ficou dividida entre os dois sentidos.



A partir dos resultados, pode-se concluir que, em alguns contextos, há uma diferença de sentido e de uso significativa nas duas regiões, comprovando a hipótese levantada. Porém, notou-se também que, em outros contextos, a gíria é interpretada com o mesmo sentido em ambas as variedades, indicando que o seu uso foi expandido de maneira homogênea em determinadas situações.

Considerando a noção saussuriana de signo, a relação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito) não é motivada e, por isso, um mesmo significante pode ter significados diferentes dentro de uma língua (SAUSSURE, 1916 [2006], p. 79-81). Para Saussure (1916 [2006], p. 82), “todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção”. De certo modo, essa teoria pode ser aplicada às variedades de uma língua: quando uma gíria é criada a partir de uma palavra que já existe, ganhando um sentido figurado, há uma mudança de significado. Aquele significante passa, então, a ter mais de um significado, dependendo de seu uso e contexto. Esse é o caso, por exemplo, de 'bombar', que deriva da palavra “bomba”, substantivo ligado a “explosão”, que, por sua vez, é utilizada em dois sentidos no português brasileiro: o literal, que remete a algo ruim, e o figurado, que, geralmente, remete a algo bom.

Ao olhar para o fator extralinguístico geográfico, nota-se que há influências cabíveis de serem analisadas. Determinada região pode ou não adotar uma expressão como gíria e, conforme uma gíria vai se espalhando pelas comunidades linguísticas regionais, a mesma pode ganhar valores diferentes. Em cada região, o significado de determinado significante pode se manter ou se alterar.

Mostra-se relevante, então, observar do ponto de vista das diferenças de significado, o que não é comum na literatura disponível. A

maioria dos estudos acerca de gírias são voltados às diferenças de significante. Desse modo, o presente trabalho se encontra em uma perspectiva inovadora.

Além das tarefas desenvolvidas, cabe elencar alguns objetivos específicos que poderiam ser adicionados a esse trabalho. Dentre tantos possíveis, destaca-se: (i) a delimitação das variedades, as quais são muito amplas e poderiam – se viável – ser limitadas às cidades de Porto Alegre e São Paulo, por exemplo; (ii) incluir outras variedades de outras localidades seria interessante; (iii) coletar respostas de mais falantes e (iv) aperfeiçoar o teste, buscando alicerces teórico-metodológicos em campos, como a Psicolinguística ou a Linguística Cognitiva (cf. FERRARI, 1997; KRISTIANSEN; DIRVEN, 2008; PÜTZ, ROBINSON e REIF, 2014). Todavia, ainda que possibilidades de aprofundamento desta pesquisa sejam elencadas, considera-se que o presente artigo compreende um estudo relevante e exitoso.

REFERÊNCIAS

BESSA, Waldemberg Araújo. **Gíria: uma perspectiva em uso em sala de aula**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, 2013.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; MAIOR, Ana Christina Souto; BARROS, Antonio Claudio da Silva. A gíria: do registro coloquial ao registro formal. **Cadernos do IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia** [internet]. 2013.

Disponível em:

http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ/03_37-51.html. Acesso em: 02 dez. 2019.

FERRARI, Lilian Vieira. Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 3, 1997.



FIGUEROA, Ester. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1996.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2ª ed. [Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

KRISTIANSEN, Gitte; DIRVEN, René (Orgs.). **Cognitive sociolinguistics: Language variation, cultural models, social systems**. Berlim: Walter de Gruyter, 2008.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: **Sociolinguistic Working Papers**, v. 44, p.43-88, 1978.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (orgs.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MOLLICA, Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. **Dicionário do Brasil Central: subsídios à filologia: linguagem, usos e costumes, folclore, toponímia dos municípios goianos**. Goiânia: Kelps, 2009.

PRETI, Dino Fioravante. Dicionários de gíria. **Alfa (São Paulo)**, v.44, p.57-73, 2000a.

PRETI, Dino Fioravante. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito

social. **Fala e escrita em questão** [S.l: s.n.], 2000b.

PRETI, Dino Fioravante. O léxico na linguagem popular: a gíria. **I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. São Paulo, 2008.

PÜTZ, Martin; ROBINSON, Justyna A.; REIF, Monika (Orgs.). **Cognitive sociolinguistics: Social and cultural variation in cognition and language use**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TELLES, Luís Fernando Prado. Alguns aspectos da variação linguística. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**. Valinhos, vol. 3, nº. 5, p. 195-210, abr., 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov (Orgs.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SANTOS, L. P.; RODRIGUES, I. M.; SILVA, T. M. D. Variações de sentido em gírias: Um estudo de caso acerca dos termos 'bombar', 'gastar' e 'rolê' nas variedades faladas por jovens no Rio Grande do Sul e em São Paulo. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 121-133, 2019.